



História do latim e estrutura das palavras

Você vai conhecer a história, origem e evolução do latim, seu alfabeto e pronúncias, além das classes gramaticais e a estrutura morfológica dos termos variáveis, como radical, desinência, caso e declinação.

Profa. Márcia Regina de Faria da Silva

Propósito

Compreender a história, estrutura e influência do latim é crucial para alunos de Letras, Direito e Ciências Biológicas, pois amplia a compreensão da origem de muitas palavras e termos técnicos usados nessas áreas, fortalecendo o domínio da língua portuguesa e o entendimento de documentos e textos especializados.

Objetivos

- Descrever a história e evolução da língua latina, desde a origem indo-europeia até a queda do Império Romano, incluindo a reprodução do alfabeto e das pronúncias.
- Classificar as classes de palavras latinas em variáveis e invariáveis, identificando seus elementos morfológicos e relacionando as noções de caso e declinação.

Introdução

Quando se pensa no latim, é comum associá-lo a uma língua antiga e esquecida, restrita aos livros de História. No entanto, o latim está mais presente em nosso cotidiano do que muitos imaginam. Longe de ser apenas um vestígio do passado, ele segue vivo em diversas áreas do conhecimento, como o Direito, as Ciências Biológicas, os escritos da Igreja Católica e até em nomes de produtos que utilizamos diariamente.

Este conteúdo propõe uma imersão inicial na língua latina, partindo de sua história, origem e evolução. Ao entender como o latim se desenvolveu e influenciou diferentes povos, é possível reconhecer seu papel fundamental na formação da cultura ocidental e, especialmente, na estrutura da língua portuguesa.

Será apresentada a base do alfabeto latino e as pronúncias possíveis, além de se destacar a forte relação entre o latim e o português. Assim como em nossa língua, o latim organiza seus vocábulos em diferentes classes gramaticais — como substantivos, verbos, pronomes e advérbios —, e algumas dessas palavras variam conforme o gênero, número ou tempo, enquanto outras permanecem invariáveis.

Para compreender melhor essas variações, o estudo da estrutura morfológica das palavras é essencial. Elementos como radical, vogal temática e desinência número-pessoal — já conhecidos por quem estuda o português — serão retomados. Outros, como caso e declinação, próprios do latim, serão introduzidos e explicados, oferecendo ao estudante uma base sólida para o aprofundamento na análise morfossintática da língua.

Este é um convite para descobrir o latim como uma língua rica, estruturada e ainda influente — um verdadeiro alicerce para o conhecimento linguístico e cultural.

História

Assista ao vídeo e conheça mais sobre a história do latim.



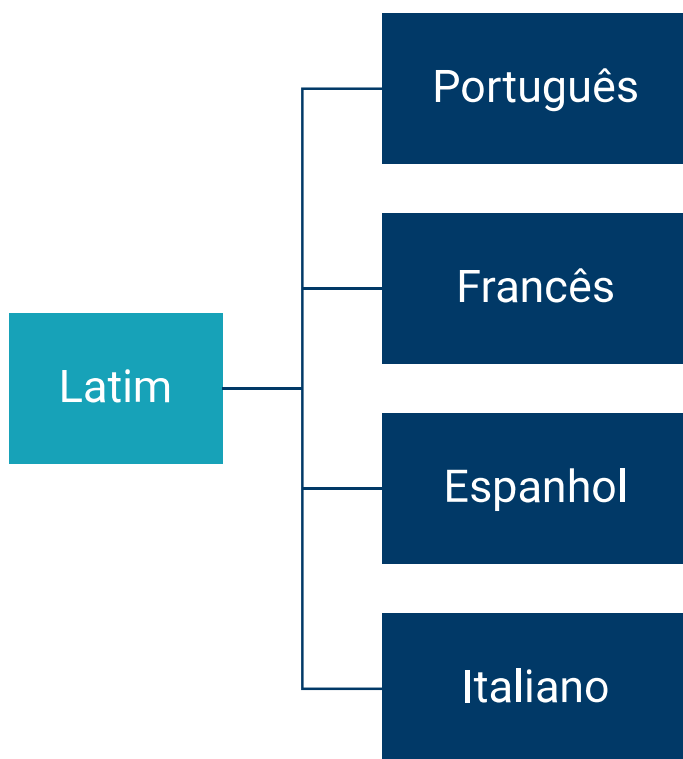
Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O latim foi a língua falada pelos romanos do século VIII a.C. até a queda do Império Romano no século V a.C.

Embora tenha transcorrido um longo tempo desde o momento em que deixou de ser a língua oficial de um território até nosso século, notamos grande influência em toda a cultura ocidental ainda hoje.

Por exemplo, a língua portuguesa é um dos resultados da evolução linguística do latim. O francês, o espanhol e o italiano falados atualmente também provêm dele.



Esquema de algumas línguas originadas do latim.

Além disso, o latim transmitiu conceitos utilizados em:

- Literatura
- Direito

- Ciências Biológicas
- Ciências Sociais

Assista ao vídeo e conheça mais sobre o latim no direito.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Também é usado no Vaticano como língua oficial dos documentos escritos, mantendo a tradição da língua usada pelos primeiros padres da Igreja.

Antes de entendermos a língua, precisamos conhecer um pouco a origem do povo que a utilizou. Sabemos que os relatos dos primeiros tempos de Roma são lendários. Mas a arqueologia e o estudo das instituições romanas nos trazem, hoje, uma visão mais próxima da realidade.





Roma foi, a princípio, uma colônia fundada por pastores oriundos dos montes Albanos e instalada na parte ocidental do monte Palatino, no cume abrupto do Germal. Seguiu-se a criação de outras pequenas aldeias, que vieram coroar as elevações vizinhas e que, na ordem cronológica, foram: a do Fagutal, a do Palatual (o segundo cume do Palatino), a do Querquetual, a do Vélío, a do Ópio e a do Císpio. Todas essas colônias eram latinas, havendo, ainda, outra de origem Sabina, que, só depois da conquista etrusca, fundir-se-ia com as precedentes: a do Quirinal-Viminal. Do X ao VII século a.C., viveram todas essas aldeias como independentes e autônomas. Em princípios do VII século a.C., porém, com exceção única da colônia Sabina, reúne-se numa federação o Septimontium ou Liga Septimoncial, procurando em vão resistir aos etruscos que, vindos provavelmente do Oriente, empreendiam a conquista sistemática da Itália na direção do mar Tirreno para o Tibre.

(FARIA, 1995)

Após a invasão, os etruscos uniram todas as aldeias e fundaram uma cidade fortificada, governada por uma dinastia de tiranos: os traquínios. Esta fase da história romana chama-se *Reinado*.

Foram sete os reis romanos, sendo os três últimos, etruscos. Rômulo foi o fundador de Roma, em 753 a.C., e o primeiro rei.

Os outros reis (todos etruscos) foram, na sequência:

1. Rômulo (romano)
2. Numa Pompílio (sabino)
3. Tulo Hostílio (romano)
4. Anco Márcio (sabino)
5. Tarquínio Prisco (etrusco)
6. Sérvio Túlio (etrusco)
7. Tarquínio Soberbo (etrusco)



Comentário

Enfraquecido pelos ataques gauleses aos domínios etruscos, o último rei (Tarquínio Soberbo) saiu da cidade para uma expedição guerreira e foi impedido de voltar pelos romanos. Acredita-se que, ao destruírem a federação do Septimontium e anexarem o Quirinal-Viminal, os etruscos conseguiram uma unidade tal que criaram o estado romano.

A influência etrusca é evidente na cultura romana: na língua, na religião, na arte, na educação e na arquitetura. Dessa última, temos como grande exemplo os aquedutos, como os Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, inspirados nas construções dos romanos por influência etrusca.



Arcos da Lapa, no Centro do Rio de Janeiro.

Veja, a seguir, momentos decisivos da expansão e consolidação da República Romana.

509 a.C.

O início da República

Ao se libertar do domínio etrusco, Roma iniciou, em 509 a.C., a República ¹ (Res = “coisa” + publica = “do povo”.) : regime político que não tinha um único governante, mas sim um Senado liderado por dois cônsules, eleitos entre as principais famílias da cidade.

390 a.C.

Primeiras conquistas militares

Durante a República, Roma expandiu-se e dominou grande parte do mundo conhecido da época. Começou derrotando os sabinos às margens do Âlia, em 390 a.C. Depois, derrotou, sucessivamente, os gauleses, os etruscos, os volscos e os samnitas da Campânia.

312 a.C.

Contato com a cultura grega

Os romanos chegaram ao sul da Itália e conheceram a Magna Grécia, que possuía cópias de tudo o que havia de melhor na Grécia em termos de arte e literatura. Auxiliados pelo rei de Épiro, Pirro, os gregos conseguiram vencer a primeira batalha, contando com um exército de elefantes que afugentou os cavalos romanos. Entretanto, Roma venceu e dominou a Magna Grécia, passando, então, a imitar os grandes nomes da cultura grega.

Após o domínio de toda a Itália, os romanos investiram contra Cartago – promissora cidade do norte da África –, iniciando as guerras púnicas.

Vejamos o que aconteceu em cada uma delas:

1ª Guerra púnica (264-241 a.C.)

Roma conseguiu anexar a seu território Sicília, Córsega e Sardenha.

2ª Guerra púnica (218-201 a.C.)

Pendeu para o lado cartaginês: Aníbal fundou Nova Cartago ou Cartagena e invadiu a Itália pelo Norte, por meio da Hispânia e das Gálias, bem perto de derrotar os romanos na própria região italiana.

Cipião Africano conseguiu reverter a situação e atacar Cartago, ao mesmo tempo em que sitiou Aníbal, que se viu obrigado a entregar-se.

3ª Guerra púnica (149-146 a.C.)

Destruição total da cidade pelos romanos, que se tornaram senhores do Mediterrâneo. Depois disso, foram anexadas:

- Gália Cisalpina;
- Macedônia – na batalha de Pidna;
- Ilíria (168 a.C.);
- Grécia (146 a.C.) – que passou a se chamar *Acaia*.

Acompanhe, a seguir, os principais marcos da expansão e queda do Império Romano.

125–118 a.C.

Expansão para o Oeste

Roma adquiriu a Província Narbonense, entre a Espanha e a Itália.

59–51 a.C.

Conquista das Gálias e fim da República

César conquistou as Gálias, lutando contra os belgas, os aquitanos e os celtas. Nessa época, a República Romana, que já sofria com guerras internas e externas, não resistiu, e iniciou-se o Império Romano, com a figura de Otávio como Augusto. A partir desse momento, foram anexados os territórios de Récia, Vindelícia, Nórica e Panônia, já no início de nossa era.

107 d.C.

Auge da expansão territorial

A Britânia foi anexada no século I d.C. Em 107 d.C., a Dácia foi o último território conquistado pelos romanos no governo do imperador Trajano.

476 d.C.

Queda do Império do Ocidente

Começou a decadência do Império Romano, que culminou com a invasão de hordas bárbaras e a consequente queda da hegemonia de Roma do Ocidente.

Veja, a seguir, o mapa do Império Romano com todas as conquistas.



Mapa do Império Romano com todas as conquistas.

Origem

O latim não passou a existir repentinamente, mas evoluiu. Como outras línguas da Europa e da Ásia – entre elas o grego, o sânscrito e o hitita –, faz parte de uma grande família de línguas indo-europeias.

A partir do século XVII, por meio de um longo estudo comparativo entre as línguas existentes nesses dois continentes, linguistas e filólogos chegaram à conclusão de que teria havido uma língua hipotética de onde elas se originariam.

A essa correspondência entre as línguas deu-se o nome de sistema indo-europeu, do qual não há qualquer registro. Por isso, ele é uma língua hipotética.

Logicamente, o latim falado na época de César ou de Virgílio não veio pronto do indo-europeu. Estudiosos acreditam que essa língua teria gerado outra hipotética, chamada de unidade *íto-céltica*, que compreenderia as seguintes línguas:

Itálicas

Latim, osco e umbro.

Célticas

Bretão, irlandês, gaulês.



Curiosidade

Inúmeras línguas se originaram desse tronco itálico, mas há registro escrito apenas do latim, do osco e do umbro.

Implantação

Várias línguas eram faladas na Península Itálica. O latim sobressaiu-se devido às conquistas romanas e, em 272 a.C., tornou-se a língua oficial. Contudo, o osco e o umbro foram falados até o primeiro século de nossa era.

A implantação do latim andou *pari passu*² à colonização romana das terras conquistadas, que tinha características precisas, pois não se tratava apenas de dominação, mas de romanização³.

Para compreender melhor o trecho anterior, é importante esclarecer o significado das expressões *pari passu*² e *romanização*³:

Pari passu 2

Expressão latina que, em tradução literal, significa “com o passo semelhante”. É usada no sentido de “paralelamente”, “ao mesmo tempo”.

Romanização 3

Assimilação pelos povos conquistados da língua e da cultura romanas.

Roma conquistou toda a Europa, parte da Ásia e da África – um território bastaste extenso, como podemos notar. Todavia, enquanto Hispânia e Gália foram bem romanizadas, Sicília, Córsega, Grécia, Bretanha, África e Egito, não.

Após as invasões bárbaras e a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., a língua latina não conseguiu mais manter uma unidade. Isso fez com que cada região desenvolvesse uma língua própria, modificando o latim de acordo com a língua que lá existia antes da chegada dos romanos e com a língua dos povos bárbaros que invadiram o local.

O latim, portanto, transformou-se. A essa língua de transição entre o latim e as línguas neolatinas – que ainda não representava as línguas faladas hoje –, chamamos de romances ou romanços.

Após esse período de transição, cada região desenvolveu uma língua particular com base no latim. As línguas neolatinas ou românicas geradas a partir dessa evolução são as seguintes:

- Português;
- Espanhol;
- Catalão;
- Francês;
- Provençal;
- Rético ou reto romano;
- Italiano;
- Sardo;
- Romeno;
- Dálmata ou dalmático (extinta).

Veja, a seguir, o mapa das línguas neolatinas faladas hoje na Europa.



Representação do mapa das línguas neolatinas faladas hoje na Europa.

Fases

Como vimos, a partir do século III a.C., o latim já havia se tornado a língua oficial da Itália. De acordo com seu desenvolvimento e com base nos textos literários encontrados, podemos dividi-la nas seguintes fases:

Período Proto-histórico (do século VII até 240 a.C.)

Momento em que foram encontradas as primeiras inscrições latinas.

Período Arcaico (de 240 até 81 a.C.)

Momento em que foram encontrados os primeiros textos epigráficos e literários de autores como Lívio Andronico, Nêvio, Ênio, Plauto e Terêncio.

Período Clássico (de 81 a.C. até 17 d.C.)

Época de ouro da prosa e da poesia latinas, com destaque para autores como Cícero, César, Lucrécio, Catulo, Virgílio, Horácio, Ovídio, Tito Lívio etc.

Período Pós-clássico (de 17 d.C. até o século II)

Início da decadência da língua latina. Alguns autores – tais como Fedro, Sêneca, Juvenal e Tácito – não se originaram da Itália e não seguiam os clássicos em relação à preocupação formal com o latim.

Período Cristão (do século III até o século V d.C.)

Fase marcada pela influência da Igreja Católica na língua latina, quando surgiram os primeiros pensadores cristãos, como Santo Agostinho e São Jerônimo.

Após esse período, o latim continuou a ser usado como língua escrita por muitos séculos. Vejamos!

1

Latim renascentista

Durante a Renascença, autores de diversos territórios utilizaram o chamado latim renascentista. Até o século XIX, foram encontrados em toda a Europa documentos científicos escritos em língua latina. Além disso, como já mencionamos, ainda hoje, os documentos oficiais do Vaticano são escritos na língua dos antigos romanos.

Mas o chamado *latim literário* ou *sermo urbanus* deixou de ser usado.

2

Latim vulgar

Conhecido também como *sermo vulgaris* (= falado pelo povo) evoluiu para as línguas neolatinas, influenciando o escrito a partir do Período Pós-clássico. Isso gerou uma língua latina com mais estrangeirismos, vulgarismos, sem o uso de alguns casos e de declinações, com uma estrutura frasal em ordem mais direta.

Alfabeto

Agora, vamos estudar o latim como sistema linguístico. Começemos pelo alfabeto.

As origens da escrita

O homem primitivo retratava o pensamento por imagens, que representavam os sistemas de escrita ideológicos ou ideográficos. Somente com sua sistematização, nasceu a escrita hieroglífica ⁴ – em parte fonética –, usada pelos egípcios.

O surgimento dos alfabetos semíticos

Houve, depois, a estilização e a seleção de alguns hieróglifos que deram origem aos antigos alfabetos semíticos – entre eles o fenício. Esses alfabetos são silabários, pois os sinais representam não sons, e sim grupos fonéticos com consoante e vogal, embora somente a consoante seja grafada.

A transição para o alfabeto

Apenas em casos especiais, acrescentava-se ao sinal silábico outro indicador do timbre da vogal, o que se denominou *mater lectionis* ⁵. Esse processo de uso de um elemento vocálico, influenciado pelo alfabeto dos fenícios, generalizou-se no grego. Com isso, a escrita silábica tornou-se alfabética.

A evolução do alfabeto grego

Fatos políticos e históricos conduziram à existência de vários alfabetos gregos, que se agruparam em dois tipos básicos: oriental e ocidental (usado nas colônias gregas da Itália). Este último – especificamente o calcídico de Cumas, do qual surgiu o antigo alfabeto etrusco de 26 letras – originou o latino.

O nascimento do alfabeto latino

Os etruscos foram os intermediários entre os gregos e os romanos na adoção do alfabeto por volta do século VII ou VI a.C.

Veja a seguir a explicação dos termos mencionados:

Escrita hieroglífica 4

Aquela que usa sistemas e símbolos (hieróglifos) em lugar de letras.

Mater lectionis 5

Expressão latina que, em tradução literal, significa “mãe da leitura”. É usada como sinal na consoante que precisava apresentar valor vocálico determinado em algumas línguas.

Primitivamente, o alfabeto latino possuía 21 letras, que se estenderam para 23 no Período Clássico. As letras, escritas em maiúscula, são as seguintes:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X Y Z

Alfabeto latino

O primeiro alfabeto (de 21 letras) não tinha **Y**, **Z** nem **G**, mas havia o **Z** arcaico, que foi retirado por falta de uso.

Inicialmente, **C** representava os sons [quê] e [guê]. Observamos isso na abreviatura de Gaius (C.). Ápio Cláudio teria sido o responsável pela retirada do **Z** e pela invenção do **G** a partir do **C**.

O **K** era usado somente diante de **a** e consoantes. Posteriormente, passou a ser empregado somente em abreviaturas e suplantado pelo **C**.

O **Q** era usado diante de **o** e **u**, mas, depois, começou a ser colocado apenas diante de **u**, representante da consoante oclusiva velar surda labializada (**qw**). O **C** era usado antes de **e** e **i**. Gradativamente, o **C** se generalizou para as demais posições.

Em termos de fonemas, o latim conta com as vogais, as consoantes e as soantes, que funcionavam ora como vogais, ora como consoantes e que provinham das soantes do indo-europeu, compostas das:

- Nasais (**m**, **n**);
- Líquidas (**l**, **r**);
- Semivogais (**i**, **u**).

No latim, só as semivogais permaneceram com esse valor de soante. Assim, o **I** e o **V** possuem valor tanto vocálico – funcionando como nosso **i** e **u** – quanto consonantal – funcionando como nosso **j** e **v**.

Nos dicionários, encontramos as letras **J** e **V**, mas elas não existiam no alfabeto latino. Foram incluídas nele por Pierre La Ramée, na Renascença. Por isso, são chamadas de letras *ramistas*.

De acordo com Cícero e Quintiliano, o alfabeto latino possuía apenas 21 letras, pois o **Y** e o **Z** só eram usadas em palavras gregas.

Em termos de escrita, havia dois sistemas principais em Roma:

Escrita capital

Usada em manuscritos e documentos públicos, só com letras maiúsculas;

Escrita cursiva

Usada em documentos particulares, recibos, que equivaleria a nossa manuscrita, mas não sabemos exatamente sua forma.

Pronúncias

Devido às modificações sofridas pela língua latina no decorrer do tempo, os gramáticos apontam três pronúncias possíveis para o latim. São elas:

Pronúncia tradicional

Usada no Direito. Adaptação da língua latina às línguas faladas nos diversos países que a estudam. Tomando como exemplo a língua portuguesa, o latim é pronunciado de forma aportuguesada, de acordo com os fonemas portugueses.



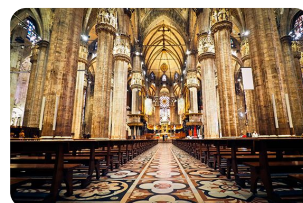
Pronúncia reconstituída ou restaurada

Mais comumente usada nas universidades, nos cursos de Letras. Resultado de cuidadosos estudos linguísticos, inclusive de obras de gramáticos latinos, que visam à reconstituição do que teria sido a forma da língua utilizada no Período Clássico.



Pronúncia eclesiástica

Usada pela Igreja Católica. Tem as mesmas características da tradicional italiana, ou seja, pronuncia-se o latim como se fosse o italiano, salvo poucas exceções.



Assista ao vídeo e conheça mais sobre as pronúncias do latim.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Vejamos, agora, as principais características da pronúncia eclesiástica, já que nosso objeto de estudo são textos bíblicos e dos teólogos da Igreja:

1. As cinco vogais (**a, e, i, o, u**) são pronunciadas como no português.
2. A vogal grega **y** soa como o **[i]**.
3. As consoantes **b, d, f, k, l, m, n, p, q** e **t** têm a mesma pronúncia do português.
4. O **c** antes de **a, o** e **u** pronuncia-se como **[k]**, e antes de **i**, como **[tchi]** e **[tche]**.
5. O **s** intervocálico soa como **[z]**, e o **s** com consoante, como **[ss]**.
6. O **g** antes **a, o** e **u** pronuncia-se **[guê]**, mas antes de **i** e **e**, como **[dji]** e **[dje]**.
7. O **h** inicial é mudo, e o **h** medial soa como um breve **[k]**.
8. O encontro consonantal **gn** tem som de **[nh]**.
9. O **r** é sempre vibrante como nosso **r** intervocálico.

10. O **x** tem dois sons **[ks]**.
11. O **z** também representa dois fonemas e soa como **[dz]**.
12. O **ph** tem som de **[f]**.
13. O **ch** soa como **[k]**.
14. Não há **j**.
15. Há **v**.
16. O **i** possui valor vocálico e consonantal com mesma pronúncia **[i]**.
17. O **u** possui somente valor vocálico.

Exemplo:

PALAVRA	PRONÚNCIA	TRADUÇÃO
<i>Facile</i>	[Fátchile]	Facilmente
<i>Iuvenis</i>	[Iuvênis]	Jovem
<i>Recurrere*</i>	[Recúrere]	Recorrer
<i>Participare</i>	[Partitchipâre]	Participar
<i>Germanicus</i>	[Djermânicus]	Germânico
<i>Lex</i>	[Leks]	Lei
<i>Philosophia</i>	[Filosófia]	Filosofia

Márcia Regina de Faria da Silva.

Na tabela anterior, note que todos os erres (**r**) são igualmente vibrantes como em ere.

Quantidade

Em latim, as vogais podem ser breves ou longas. A vogal longa possui a duração de duas breves. Para indicar a quantidade, utilizamos sobre as vogais os seguintes símbolos:

- A **braquia** (**˘**) – se a vogal for breve;
- O **macron** (**¯**) – se a vogal for longa.



Atenção

Não confunda esses sinais de quantidade com acento gráfico, que não existe em latim, e sim em português para marcar a sílaba tônica das palavras. Na língua latina, todas as vogais possuem quantidade, independente de serem tônicas ou átonas. Portanto, a quantidade não marca tonicidade.

As palavras são classificadas de acordo com as sílabas tônicas e átonas. Não há oxítonas na língua. Vejamos as classificações:

Monossílaba

Palavra que possui apenas uma sílaba. As tônicas (substantivos, verbos, adjetivos) têm significação própria. **Exemplos:** *lex* (= lei), *est* (= é), *res* (= coisa).

Já as átonas (conjunções e preposições), não. **Exemplos:** *et* (= e), *sed* (= mas), *ad* (= para).

Paroxítona

Palavra que possui duas sílabas.

Paroxítona ou proparoxítona

Palavra que possui mais de duas sílabas, dependendo da quantidade da vogal da penúltima. Se esta for longa, a palavra será paroxítona, mas se for breve, será proparoxítona.

Para saber se a vogal da penúltima sílaba é longa ou breve, existem várias regras, mas não nos deteremos nelas, pois os dicionários nos dão essa informação. Só precisamos saber a quantidade dessa vogal para descobrir a sílaba tônica do vocábulo e pronunciá-lo de forma correta.



Exemplo

Amicitia (= Amizade): O *i* da penúltima sílaba (-ti-) é breve. Portanto, a palavra é proparoxítona, com a sílaba tônica -ci-. *Deus* (= Deus): Palavra que tem duas sílabas. Portanto, é paroxítona, independente do sinal de quantidade. *Intellegenter* (= De modo inteligente): O *e* da penúltima sílaba (-gen-) é longo. Portanto, a palavra é paroxítona, com essa própria sílaba tônica.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Identifique produtos de seu dia a dia que utilizem a língua latina para nomeá-los e tente descobrir seu significado.

Chave de resposta

- Pão de forma Plus Vita = “Mais Vida” → Possivelmente, a proposta é transmitir a ideia de que quem come, vive mais.
- Iogurte Corpus = “Corpo” → Alimento com baixo teor de gordura, cuja intenção é deixar o corpo saudável.
- Desodorante Axe = “Eixo” → Provavelmente, o homem que o usar se tornará o eixo, o centro das atenções.

Questão 2

Dê dois exemplos que demonstrem a importância do latim nos dias de hoje.

Chave de resposta

Atualmente, a língua latina é utilizada para:

- Nomear plantas e animais na Biologia;
- Nomear elementos químicos;
- Empregar expressões no Direito;
- Elaborar documentos escritos no Vaticano;
- Nomear produtos usados no dia a dia.

Questão 3

Assinale a fase da língua latina em que os primeiros padres da Igreja escreveram:

☐ A Período Renascentista

☐ B Período Proto-histórico

☒ C Período Cristão

☐ D Período Clássico

E

Período Arcaico



A alternativa C está correta.

Foi no período cristão que os primeiros padres da Igreja escreveram textos em latim, marcando a influência do Cristianismo na língua e na cultura romana.

Questão 4

Analise as quatro palavras a seguir:

bonus (bom) – *coniugium* (união) – *rex* (rei) – *moderātor* (moderador)

Agora, assinale a opção **correta** quanto à tonicidade de cada uma delas:

A

Paroxítona, paroxítona, monossílaboônico, paroxítona.

B

Paroxítona, proparoxítona, monossílabo átono, paroxítona.

C

Proparoxítona, monossílabo átono, paroxítona, paroxítona.

D

Paroxítona, proparoxítona, monossílaboônico, paroxítona.

E

Monossílaboônico, proparoxítona, paroxítona, proparoxítona.



A alternativa D está correta.

Isso porque: *bonus* é paroxítona, *coniugium* é proparoxítona, *rex* é monossílaboônico e *moderātor* é paroxítona.

Latim × Português

Como vimos, a língua portuguesa evoluiu do latim vulgar e manteve muitos aspectos da estrutura latina em todos os níveis linguísticos. Por isso, identificamos muitos pontos em comum entre as duas línguas.

Morfemas como radical, sufixos, prefixos, vogal temática são encontrados em ambas, mas outros elementos, como o caso e desinência de voz passiva, não evoluíram para o português. Aqui, observaremos que o uso de alguns morfemas é restrito a determinadas classes, e que outros são comuns a mais de uma. Por isso, iniciaremos nosso estudo pelas classes de palavras latinas.



Palavras em Latim em coluna.

Classes de palavras

Em latim, encontramos as mesmas classes de palavras da língua portuguesa:

- Substantivo;
- Adjetivo;
- Pronome;
- Numeral;
- Verbo;
- Advérbio;
- Preposição;
- Conjunção;
- Interjeição.

A única classe que não existe na língua latina é o artigo.

Cardoso (2003) explica-nos algumas questões sobre o assunto:



O sistema morfológico latino é bastante complexo. As palavras podem ser variáveis ou invariáveis, conforme sejam ou não passíveis de modificações em sua forma, pela presença de morfemas. São palavras variáveis os nomes (substantivos, adjetivos, numerais e pronomes) e os verbos (não há artigos em latim). São invariáveis os advérbios, em sua grande parte, as preposições, as conjunções, as interjeições (exceto algumas interjeições nominais e as partículas – de interrogação, sobretudo).

(CARDOSO, 2003)

Apesar da afirmação de complexidade a respeito do sistema morfológico latino, em língua portuguesa, também há vocábulos variáveis e invariáveis.

Os nominais são, em sua maioria, variáveis.

Exemplos	
Substantivo: <i>filho</i>	Adjetivo: <i>bonito</i>
Variação de gênero: <i>filha</i>	Variação de gênero: <i>bonita</i>
Variação de número: <i>filhos, filhas</i>	Variação de número: <i>bonitos, bonitas</i>

Tabela: Exemplos de flexão nominal: Substantivo e adjetivo
Márcia Regina de Faria da Silva.



Atenção

Em alguns adjetivos há, apenas a variação em número. Exemplo: feliz → felizes.

Confira a seguir como pronomes, numerais e verbos variam na língua portuguesa.

Pronomes

Assemelham-se aos adjetivos (nosso, nossos, nossa, nossas).

Numerais

Alguns numerais podem variar (um, uma, uns, umas, primeiro, primeira, primeiros, primeiras).

Verbos

São todos variáveis em português, em tempo, modo, pessoa e número.



Exemplo

oro-: 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo oraremos: 1ª pessoa do plural do Futuro do Presente do Indicativo

Há, ainda, em português, vocábulos invariáveis, como:

- Alguns numerais (*três*);
- Advérbios (*longe, menos*);
- Preposições (*de, para*);
- Conjunções (*mas, que*);
- Interjeições (*oh!*).

Portanto, observamos similaridade entre as duas línguas. A ideia, aqui, é utilizar o conhecimento prévio da língua portuguesa para auxiliar o aprendizado de latim.

Formação de palavras

Assista ao vídeo e conheça mais sobre a história da formação das palavras.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

De acordo com sua estrutura, as palavras podem ser divididas em unidades significativas menores, chamadas de **morfemas**¹.

Morfemas 1

Do grego morfo (= forma).

Por exemplo, a palavra **pedras** possui três unidades:

pedr- = radical → responsável pelo significado da palavra, que pode formar outros vocábulos, como *pedreiro*;

-a- = vogal temática → que classifica o nome em determinado grupo nominal, como *mesa, porta, mata* etc.;

-s = desinência de plural → que marca a pluralização de palavras portuguesas e que só se realiza junto a outra unidade significativa.

Já a forma verbal **amavam** apresenta a seguinte divisão:

am- = radical **-a-** = vogal temática **-va-** = desinência **-m** = desinência
→ porque tem → responsável por modo-temporal → número-pessoal
o significado localizar o verbo no que traz a noção → responsável
semântico da grupo de primeira de tempo e modo pela ideia de
palavra; conjugação; verbal; pessoa e número.



Mãos formando um coração.

Concluímos, assim, que os morfemas (unidades mínimas significativas) podem ser de diferentes tipos quanto à significação. São eles:

Radical

Núcleo responsável pelo significado da palavra associado à realidade empírica – ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral etc.

Os morfemas do grupo do radical são chamados de **lexicais** ou **externos**, pois trazem a noção do mundo.

Afixos

Morfemas de:

- Flexão – gênero, número, tempo, modo etc.;
- Derivação – diminutivo, aumentativo etc.

Os morfemas do grupo dos afixos denominam-se **gramaticais** ou **internos**, pois não possuem significação própria.

Todos os morfemas que dependem de outro para se realizar, nunca aparecendo sozinhos (como **-s** do plural ou **-va-** da desinência modo-temporal) são classificados como **presos**.

Já aqueles que podem aparecer como palavra isolada (*mar*) são morfemas **livres**.

Vimos que ao radical da palavra ou morfema lexical agrupam-se outros morfemas presos ou gramaticais, quais sejam:

- Desinência ou morfema flexional;
- Afixo ou morfema derivacional;
- Vogal temática.

As **desinências** são elementos internos que indicam as flexões gramaticais e podem ser *nominais* ou *verbais*.

Vemos que nos nomes e em alguns pronomes, as desinências determinam as flexões de *gênero* e *número*, enquanto nos verbos, marcam as flexões de *número*, *pessoa*, *tempo* e *modo*.

Os **afixos** são morfemas derivacionais que servem para modificar, normalmente com precisão, o sentido do radical da palavra a que se associam. Os *prefixos* são os afixos que se agregam antes do radical, e os *sufixos*, aqueles que aparecem depois dele.

Assim, na palavra *transportar*, observamos o prefixo **trans-** anexado antes do radical **port-**. Já em *pedreiro*, temos o sufixo **-eir-** posposto ao radical **pedr-**.

Vamos analisar, agora, as palavras **desagradar** e **gostoso**.

- Na primeira, ocorre a junção do prefixo **des-** ao verbo **agradar**, enquanto na segunda, há a união do sufixo **-os-** ao substantivo **gosto**, formando um adjetivo.
- Logo, percebemos que o sufixo tem o valor de transformar a categoria gramatical de uma palavra. No exemplo anterior, **gosto** é substantivo, e **gostoso** é adjetivo.
- Os prefixos apresentam, ainda, uma força significativa maior do que os sufixos, pois, enquanto estes não aparecem como formas livres, aqueles podem aparecer.
- Vejamos o exemplo **decrecer**: **de-** é um prefixo, ou seja, morfema preso ao verbo **crescer**, que dá a ele um novo significado de conotação contrária.
- O mesmo **de** aparece como preposição (forma livre) com sentido semelhante a “movimento de cima para baixo” na seguinte frase: *O menino caiu **de** uma escada*.
- Tanto o significado quanto a possibilidade de ser preposição ou prefixo já existiam em latim.

Além dos afixos estudados, há outros elementos mórficos importantes, como as *vogais* e *consoantes* de *ligação*, que não possuem qualquer valor significativo dentro do vocábulo. Elas somente são utilizadas para evitar hiatos ou encontros consonantais na junção dos morfemas.



Exemplo

Em *gasômetro* ou *paulada*, observamos que a vogal **-o-** é usada apenas para ligar os vocábulos independentes *gás* e *metro*. A consoante **-l-** une o vocábulo *pau* ao sufixo **-ada**, evitando, assim, o encontro dissonântico do **-s** com o **-m** e do **-u** com o **-a**. Portanto, a vogal ou a consoante de ligação servem apenas para tornar a pronúncia da palavra mais agradável.

Vogal temática

A vogal temática requer uma atenção especial. Quando se trata da **vogal temática verbal**, normalmente, pouco se diverge.

Na forma verbal **amavam**, notamos que o radical é **am-**, a vogal temática é **-a-**, a desinência modo-temporal é **-va-**, e a desinência número-pessoal é **-m**. A vogal temática serve, pois, para caracterizar a conjugação dos verbos.

Assim, há os verbos de:

1ª conjugação

Aqueles que possuem a vogal temática -a- após o radical (amar, falar, cantar).

2ª conjugação

Aqueles que possuem a vogal temática -e- após o radical (vender, comer, fazer).

3ª conjugação

Aqueles que possuem a vogal temática -i- após o radical (dormir, partir, sorrir).

Contudo, há, ainda, a vogal temática nominal, que não é citada por alguns autores, mas que também serve para agrupar os nomes – especialmente substantivos e adjetivos – em grupos distintos. Vejamos!

1ª declinação latina

De onde se originou a vogal temática **-a** (*janela, porta, mesa, poeta*).

2ª declinação latina

Que gerou, em grande parte, a vogal temática **-o** (*copo, prato, quadro*).

3ª declinação latina

De onde proveio a vogal temática **-e** (*dente, pente, lente*).

Atenção: Não confunda essas vogais temáticas com a desinência de gênero **-a** em língua portuguesa, que traz a noção de oposição (gato × gata).

A discussão sobre o problema morfológico do gênero e sua confusão com questões semânticas é grande, e não vamos nos dedicar ao assunto.



Saiba mais

Para se aprofundar no tema, leia um trecho do livro *Estrutura da língua portuguesa*.

Estrutura de classes de palavras

Agora que já conhecemos todos os tipos de morfemas, podemos sistematizar a estrutura de cada classe de palavras em latim. Existem as **variáveis** e as **invariáveis**.

Quanto às variáveis, temos:

Substantivo

domus (= *casa*) → palavra formada pelo radical **dom-**, pela vogal temática **-u-** e pela desinência de caso e número **-s**.

Adjetivo

bonorum (= *dos bons*) → formado pelo radical **bom-**, pela vogal temática **-o** e pela desinência de caso e número **-rum**.

Numeral

secundam (= *segunda*) → formado pelo radical **secund-**, pela vogal temática **-a-** e pela desinência de caso e número **-m**.

Pronome

meos (= *meus*) → formado pelo radical **me-**, pela vogal temática **-o-** e pela desinência de caso e número **-s**.

Verbo

amabit (= *amará*) → formado pelo radical **am-**, pela vogal temática **-a-**, pelo sufixo modo-temporal **-b-**, pela vogal de ligação **-i-** e pela desinência de número, pessoa e voz **-t**.



Atenção

A simples troca do -t pelo -tur determina, em latim, a voz passiva. Portanto *amabitur* é traduzido por “será amado”. Os prefixos e sufixos podem se agregar a muitas palavras, ampliando o número de vocábulos da língua.

As invariáveis são aquelas que apresentam apenas o radical, como:

- **Advérbio** – *plus* (= *mais*);
- **Preposição** – *de* (= *de*), *cum* (= *com*);
- **Conjunção** – *sed* (= *mas*);
- **Interjeição** – *ei* (= *ai*).

Em latim, as novidades em relação aos morfemas do português dizem respeito, em especial, aos *casos* e às *declinações*. Vamos entender do que se trata?

Casos

Antes de definirmos a noção de caso, é interessante notarmos que o latim é uma língua sintética, ao contrário do português, que é analítica. Mas o que isso significa?

Vejamos uma mesma oração em ambas as línguas:

Português

Deus dá a vida aos homens.

Latim

Deus dat vitam hominibus.

Observe que as palavras se relacionam:

- Deus – *Deus*;
- dá – *dat*;
- vida – *vitam*;
- homens – *hominibus*.

Como vemos, não aparecem em latim artigos e preposições usados no português. Por esse motivo, a oração é mais sintética. Além disso, em português, não podemos alterar a ordem das palavras, pois implica prejuízo na compreensão.

Em latim, não é assim. Podemos modificar essa ordem da forma que bem entendemos, porque sempre teremos a mesma oração, até porque, no fim de cada palavra, há uma terminação² que indica sua função sintática.

Assim, podemos definir caso, que:

Terminação 2

Partícula que une a vogal temática com a desinência de caso em latim.



[...] é a forma que a palavra apresenta com sua desinência apropriada para indicar a função sintática que exerce na oração.

—
(GARCIA, 1993)

Para ficar mais claro, devemos considerar dois conceitos. São eles:

Desinência

Parte final das palavras que podem ser mudadas.

Flexão

capacidade de mutação da desinência, de acordo com a função sintática que as palavras exercem na oração.

Portanto, uma palavra pode apresentar tantas desinências e sofrer tantas flexões quantas forem as funções sintáticas que puderem exercer.

De forma prática, na oração anterior, temos:

- *Deus* = sujeito → porque termina em **-us**;
- *vitam* = objeto direto → porque termina em **-am**;
- *hominibus* = objeto indireto → porque termina em **-ibus**.

O interessante é que, exatamente porque a terminação identifica a função sintática, podemos mudar as palavras da frase como quisermos – o significado continuará o mesmo (*Deus dá a vida aos homens*). Veja!

- *Hominibus Deus dat vitam.*
- *Vitam hominibus dat Deus.*
- *Dat vitam Deus hominibus.*

Para compreender ainda melhor, observe a seguinte oração: *Deus videt hominem*.

De acordo com o que aprendemos, temos:

- *Deus* = sujeito → pois termina em **-us**;
- *hominem* = objeto direto → pois termina em **-em** (com o mesmo **-m** de *vitam*).

A novidade é o verbo *videt* (= vê). Então, traduz-se: *Deus vê o homem*.

Em português, só sabemos que é *Deus quem vê* – ou seja, o sujeito –, porque ele aparece antes do verbo. Mas, em latim, a posição não importa. Para obtermos o contrário em língua portuguesa, apenas mudamos a posição: *O homem vê Deus* (no sentido figurado).

Em latim, isso não adianta. Precisaremos mudar a terminação das palavras para construirmos outra oração: *Homo videt Deum*.

Logo, os nomes possuem variação em gênero, número e caso. Na língua latina, há:

Dois números

- Singular (*casa*);
- Plural (*casae*).

Três gêneros

- Masculino (*lupus* = lobo);
- Feminino (*rana* = rã);
- Neutro (*donum* = presente).

Já vimos que a variação de caso acontece quando declinamos uma palavra, ou seja, quando colocamos uma desinência para demonstrar que função sintática o vocábulo exerce na oração. Assim, há seis casos:

- Nominativo;
- Vocativo;
- Acusativo;
- Genitivo;
- Dativo;
- Ablativo.

As palavras que variam conforme o caso são chamadas de *declináveis*. Entre elas estão os substantivos, os adjetivos, os pronomes e alguns numerais.

Casos em latim

Assista ao vídeo e conheça mais sobre a história de Gênesis.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Declinações

Quando acrescentamos ao radical a vogal temática, obtemos o **tema**.

Em latim, além dos verbos, os substantivos também são agrupados de acordo com o tema, ou seja, o radical mais sua vogal temática. A esses grupos de substantivos chamamos de **declinações**³. Confira!

Declinações 3

“[...] conjunto de casos que uma palavra pode apresentar. De acordo com o tema que as palavras [expressam], estas se agrupam formando as declinações, que, no latim, são cinco. Cada declinação tem suas próprias desinências” (GARCIA, 1993).

1ª declinação

Aquela que possui vogal temática **-a** (*mensa* = mesa, *poeta* = poeta, *scriba* = escrevente).

2ª declinação

Aquela que possui vogal temática **-o** (*domino* = senhor, *magistro* = professor, *puero* = menino).

3ª declinação

Aquela que se divide em palavras temáticas, cuja vogal é **-i** (*torri* = torre, *mari* = mar), e aтемáticas, cujo tema termina em consoante (*duc[e]* = general, *dent[e]* = dente).

4ª declinação

Aquela que possui tema **-u** (*fructu* = fruto, *manu* = mão).

5ª declinação

Aquela que possui tema **-e** (*re* = coisa, *meridie* = meio-dia).

Atenção: Todas as palavras latinas usadas encontram-se no **ablativo singular**, pois é esse o caso que nos traz o tema original, com exceção dos aтемáticos, que ganham a desinência **-e**.

Como a terminação é a união da vogal temática de cada declinação com a desinência de caso, há terminações diferentes para cada caso em cada declinação.

Por isso, vimos na posição de objeto direto ou acusativo singular *vitam, deum e hominem* – palavras, respectivamente, da 1ª, 2ª e 3ª declinação.

Nas próximos conteúdos, veremos as declinações e as terminações de cada um dos casos.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Observe as seguintes duplas de palavras:

- a. ferro e ferreiro;
- b. menino e meninas;
- c. amamos e amavam.

Como você percebeu, alguns elementos permanecem e outros se modificam. Identifique-os e tente, a partir de sua lembrança de conteúdos da língua portuguesa, listar os componentes que estruturam tais palavras.

Chave de resposta

Os elementos **ferr-**, **menin-** e **am-** são comuns às palavras e constituem o radical.

Na primeira dupla, **-eir-** é o sufixo, e **-o-** (comum aos dois) é a vogal temática nominal.

Na segunda dupla, há uma diferença entre o **-o-** vogal temática nominal e o **-a-** desinência de gênero, acrescido do **-s-** desinência de plural.

Na terceira dupla, além do radical, existe em comum a vogal temática verbal **-a-**, acrescida na segunda palavra da desinência modo-temporal **-va-**. Há, ainda, as desinências número-pessoais **-mos** (amamos) e **-m** (amavam).

Questão 2

Explique a importância da vogal temática na língua latina.

Chave de resposta

Em latim, a vogal temática serve para agrupar tanto os verbos nas conjugações quanto os substantivos nas declinações.

Questão 3

Assinale a opção correta:

A A vogal temática é um tipo de morfema livre.

B O radical é um morfema sem significado próprio.

C A desinência modo-temporal é usada nos substantivos.

D A desinência de caso existe nos adjetivos da língua portuguesa.

E Os prefixos e sufixos agregam-se ao radical para modificar o sentido original.



A alternativa E está correta.

Os prefixos e sufixos são morfemas que se juntam ao radical para modificar ou ampliar o significado original da palavra.

As outras alternativas apresentam erros: a vogal temática é um morfema ligado, não livre; o radical tem significado; desinências modo-temporais não aparecem em substantivos; e desinências de caso não existem nos adjetivos do português.

Questão 4

Traduza corretamente a oração latina, utilizando os conhecimentos aprendidos e o vocabulário apresentado:

“[...] *creavit Deus caelum et terram*”. (Gênesis 1.1)

Chave de resposta

“[...] Deus criou o céu e a terra”. (Gênesis 1.1)

Considerações finais

Neste conteúdo, realizamos uma introdução ao latim, desmistificando a ideia de que se trata apenas de uma língua antiga e esquecida. Evidenciamos sua presença contínua em diversas áreas do conhecimento, como o Direito, as Ciências Biológicas, a Igreja Católica e até no vocabulário de produtos do cotidiano. A partir dessa perspectiva, foi possível compreender a importância do latim na formação da cultura ocidental e na estrutura da língua portuguesa.

Exploramos a origem, história e evolução do latim, destacando sua influência sobre diferentes povos e línguas modernas. Apresentamos também a base do alfabeto latino e suas pronúncias, ressaltando as semelhanças e relações estreitas entre o latim e o português. Assim como na nossa língua, o latim classifica seus vocábulos em categorias gramaticais como substantivos, verbos, pronomes e advérbios, com variações que ocorrem em gênero, número e tempo.

Para facilitar a compreensão dessas variações, abordamos a estrutura morfológica das palavras latinas, explicando conceitos fundamentais como radical, vogal temática e desinências número-pessoais, além de introduzir elementos específicos da língua, como os casos e as declinações. Essa abordagem oferece uma base sólida para o estudo aprofundado da morfossintaxe latina.

Dessa forma, o conteúdo convida o estudante a enxergar o latim como uma língua viva, estruturada e influente, constituindo um alicerce essencial para o conhecimento linguístico e cultural, capaz de enriquecer o entendimento da própria língua portuguesa e de diversos campos do saber.

Explore+

- Na página da Radiophonia Finnica Generalis, você poderá saber mais lendo e ouvindo o programa “**Nuntii Latini**”, que apresenta notícias mundiais em latim.

Para recordar a estrutura das palavras em língua portuguesa, sugerimos a leitura das seguintes gramáticas:

- Leia a **Gramática Escolar da Língua Portuguesa (2010)**, de Evanildo Bechara.
- Leia a **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa (2009)**, de D. P. Cegalla.
- Leia a **Nova Gramática do Português Contemporâneo (2001)**, de Celso Cunha.

Referências

CARDOSO, Z. de A. **Iniciação ao Latim**. São Paulo: Ática, 2003.

FARIA, E. **Gramática da Língua Latina**. Brasília: FAE, 1995.

FERREIRA, A. G. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Porto, 1996.

GARCIA, J. M. **Introdução à teoria e prática do Latim**. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.